

# AS FERRAMENTAS DA LIBERDADE TORNAM-SE A ORIGEM DA INDIGNIDADE

RICHARD SENNETT (1943- )



## EM CONTEXTO

### FOCO

#### Desigualdade de classes

### DATAS IMPORTANTES

**1486** O filósofo italiano Giovanni Pico della Mirandola diz que, diferentemente dos animais, as pessoas buscam sentido e dignidade na vida.

**1841** Em "Self-Reliance", o filósofo e ensaísta americano Ralph Waldo Emerson vê a autoconfiança como um imperativo moral que capacita o indivíduo a moldar o seu destino.

**Década de 1960** O filósofo francês Jean-Paul Sartre diz que uma sociedade de classes é uma sociedade de recursos injustamente distribuídos porque um po

87 / 356

**1989** O sociólogo Richard Hoggart diz: "Em todas as décadas, declaramos de pronto que enterramos as classes, e em cada década o caixão continua vazio".

**S**ociólogos e economistas aceitam por tradição a ideia de que as classes sociais estão vinculadas ao dinheiro: conforme os trabalhadores ganham uma renda maior e acumulam mais bens, eles subiriam para a classe média e desfrutariam não apenas da prosperidade como também de um maior senso de dignidade. Mas esse conceito foi questionado quando o sociólogo americano Richard Sennett, junto com Jonathan Cobb, investigou o paradoxo que parecia afligir as pessoas da classe trabalhadora que subiam para a classe média.

O que Sennett descobriu em suas entrevistas com trabalhadores, conforme mostrado em *The Hidden Injuries of Class*, publicado em 1972, foi

**Veja também:** Friedrich Engels 66-67 • W. E. B. Du Bois 68-73 • Pierre Bourdieu 76-79 • Elijah Anderson 82-83 • Georg Simmel 104-105 • Samuel Bowles e Herbert Gintis 288-289 • Paul Willis 292-293



que um aumento no poder material e a liberdade de escolha foram acompanhados por uma significativa crise de respeito próprio. Ao buscar uma liberdade maior, pedia-se aos trabalhadores que usassem "ferramentas" como a educação, que os faziam se sentir alienados e incapazes.

### Imigração e racismo

Para explicar como isso poderia estar acontecendo, Sennett voltou-se primeiro à história da classe trabalhadora nos EUA. Durante a urbanização do século XIX, os trabalhadores rurais se mudaram de pequenas fazendas para as vilas e depois para as cidades, que cresceram depressa por causa desse inesperado afluxo. Além disso, a maioria das cidades tinha grandes enclaves de imigrantes europeus recém-chegados

**Imigrantes desembarcam em Nova York, EUA, no começo do século XX.** Esses "forasteiros" eram, com frequência, usados como mão de obra barata, o que causava hostilidade por parte de alguns cidadãos americanos.

da Irlanda, da Itália, da Polônia e da Grécia, por exemplo. Neles, falava-se a língua original, e as tradições culturais se mantiveram vivas.

A imigração em massa levou os industrialistas a perceber rapidamente que o trabalho não qualificado era mais barato que a produção com máquinas.

Assim, eles contrataram um grande número de imigrantes e mudaram o foco da automatização para a substituição do trabalho mais caro e especializado. Com isso, cresceu a hostilidade contra os recém-chegados, e houve um aumento nas atitudes racistas. »



## A pirâmide da conquista



Um tipo de "hierarquia moral" entre as nacionalidades logo passou a ter uma aceitação ampla. Os europeus ocidentais (menos os irlandeses) estavam no topo dessa hierarquia. Eram vistos como diligentes, bons trabalhadores e habilidosos. Mas, no outro lado da balança, percebeu Sennett, os "esfavos, boêmios, judeus e os europeus do sul... foram acusados de falta de higiene, isolamento ou preguiça". Os novos imigrantes descobriram que só podiam depender do apoio de seus conterrâneos, de modo que surgiram várias comunidades étnicas.

Mas, em meados do século xx, as cidades americanas experimentaram programas de revigoramento urbano que quebraram essas comunidades de imigrantes. As famílias de imigrantes

foram integradas à sociedade em geral, que teve uma atitude distinta em relação aos grupos sociais diferentes. Na sociedade americana como um todo, as pessoas com melhor educação, "cultas", eram tratadas com maior respeito. As pessoas honestas e trabalhadoras que mereciam bastante respeito na "antiga vizinhança" agora eram vistas com desdém e suspeição por serem ignorantes e "estrangeiras".

### Educação e fracasso

Sennett diz que a classe trabalhadora estava sendo desafiada a se tornar mais "aculturada", e a educação parecia ser o caminho para a aceitação e o respeito. Mas com isso vieram vários e notáveis problemas. Primeiro, para as pessoas que sempre valorizaram o trabalho duro

e físico, os empregos com "caneta" da classe média não eram tidos como "empregos de verdade". Tais atividades não eram consideradas dignas, de modo que um trabalhador não conseguia se ver com respeito se as desenvolvesse.

Além disso, apesar de o intelecto e a educação merecerem alta estima pelas classes média e alta, os trabalhadores tinham a impressão de que "os educados" não faziam nada digno de respeito. Pelo contrário, eram quase sempre vistos como alguém usando sua posição privilegiada para enganar, mentir e evitar o trabalho, ao mesmo tempo que ganhavam salários mais altos. Como poderia, então, um trabalhador querer manter sua dignidade e respeito próprio nessa posição?

Os trabalhadores entrevistados por Sennett usam a palavra "educado" para uma série de experiências, que vai muito além da escolaridade. O status elevado da educação vem do fato de que se pensa que ela aumenta a racionalidade e desenvolve as melhores capacidades humanas. Mas Rissario, um engraxate que se tornou bancário, explica como isso funciona de forma distinta nas várias divisões sociais. Ele acredita que as pessoas de uma classe mais alta têm o poder de julgá-lo porque são "mais desenvolvidas

“  
As pessoas de classe média com educação... [e com] os valores 'corretos' se destacam de uma massa cujo entendimento... elas consideram inferior ao seu próprio.  
Richard Sennett  
”

internamente". Apesar da ascensão de Rissarro na profissão, seus colegas de classe baixa o desprezam, e ele não tem respeito por si mesmo porque sente que não está fazendo um "trabalho de verdade". Ele aceita os conselhos da sociedade para "melhorar de vida", mas sente-se como um impostor e não entende seu senso de desconforto. Ele acredita que a única explicação é que há alguma coisa errada com ele.

Sennett defende que os trabalhadores tendem a ver sua incapacidade em se adaptar e ser respeitados como um fracasso pessoal, não como uma condição das divisões e desigualdades da sociedade. Ele cita James, filho de imigrantes com alta escolaridade, que vê a si mesmo como um fracasso, não importa o que faça. "Se eu tivesse o que é preciso", diz, "poderia fazer com que todo o meu estudo valesse a pena." Por outro lado, se ele "tivesse a coragem para botar a cara no mundo" e conseguir um emprego de verdade, isso faria com que fosse mais respeitado. James se responsabiliza por não ter maior autoconfiança e por ter fracassado em se "desenvolver".

### O político é pessoal

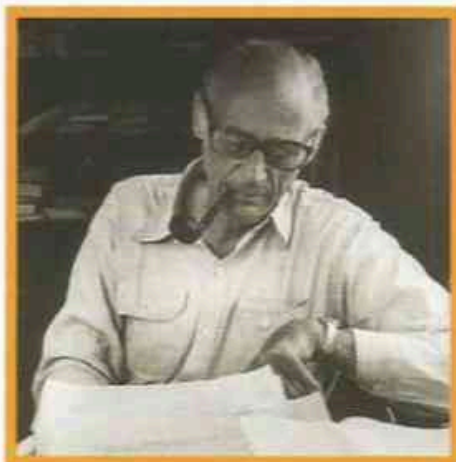
Tal conjunção de classe e indivíduo é um fenômeno tipicamente americano, diz Sennett, ligado à premiação do "indivíduo". O sucesso em testes de IQ e a escolaridade são vistos como uma forma de libertar o indivíduo de sua condição social ao nascer — todos os que possuem mérito ou inteligência de verdade subirão na vida. Tal crença na igualdade de oportunidades está no cerne do Sonho Americano.

Os filhos da classe trabalhadora não têm as mesmas oportunidades que os filhos das classes mais ricas, e aqueles que tentam melhorar são vistos como traidores. São excluídos de seu grupo original, tendo, por isso, uma perda de valor próprio. As ferramentas da liberdade são uma fonte de indignidade para eles, tanto na escola quanto na

faculdade, onde são desprezados por não conhecerem as regras e não terem um conhecimento cultural mais amplo. Suas conquistas educacionais os expõem não ao respeito, mas ao desdém das pessoas da classe média ao seu redor, e eles sofrem de um senso de fracasso e alienação.

De acordo com o empresário escocês-americano Andrew Carnegie, a justiça do capitalismo industrial é que a sociedade sempre recompensará "um homem de talento". Se uma pessoa for digna de escapar da pobreza, ela será capaz de fazê-lo. Mas, se ela não tiver a habilidade de "se fazer", que direito ela tem de reclamar? Conforme diz Sennett: é uma meritocracia, e se você fracassar, você não tem mérito. Falhar em ter sucesso se deve a inadequações pessoais. Dessa forma, as desigualdades de classe são ocultadas pelo disseminado "fracasso pessoal" da classe trabalhadora.

O livro *The Hidden Injuries of Class* é uma exploração sutil e sensível da vida da classe trabalhadora, que expõe como a diferença social pode parecer uma simples questão de caráter, competência ou escolha moral, quando na verdade é essencialmente uma questão de herança de classe. ■



**Arthur Miller** foi um menino de classe trabalhadora que cresceu para se tornar um dos maiores dramaturgos de meados do século XX — mas foi muito desprezado pelos críticos americanos.



### Richard Sennett

Autor literário e sociólogo, Richard Sennett nasceu em Chicago, EUA, e seus pais eram simpatizantes do comunismo. Tanto seu pai quanto seu tio lutaram como internacionalistas na Guerra Civil espanhola. Sennett foi criado por sua mãe em um dos primeiros projetos habitacionais públicos para raças diferentes.

Sennett estudou violoncelo na Juilliard, Nova York, mas uma cirurgia no pulso pôs fim às suas pretensões musicais. Começou sua carreira de sociólogo em Harvard e lecionou em Yale e na London School of Economics (LSE). Nos anos 1970, foi cofundador do The New York Institute for the Humanities com os escritores Susan Sontag e Joseph Brodsky. Sennett ficou famoso com sua obra *The Hidden Injuries of Class*, que escreveu depois de passar quatro anos pesquisando com Jonathan Cobb. É casado com a socióloga Saskia Sassen.

### Principais obras

1972 *The Hidden Injuries of Class* (junto com Jonathan Cobb)

1974 *O declínio do homem público*

2005 *A cultura do novo capitalismo*



# SÓ A COMUNICAÇÃO É CAPAZ DE COMUNICAR

NIKLAS LUHMANN (1927-1998)

## EM CONTEXTO

### FOCO

**Sistemas de comunicação**

### DATAS IMPORTANTES

**1937** O sociólogo americano Talcott Parsons discute a teoria dos sistemas em *A estrutura da ação social*.

**1953** O conceito de jogos de linguagem do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein é publicado postumamente e influencia as ideias de Luhmann sobre comunicação.

**1969** *Laws of Form*, do matemático britânico George Spencer-Brown, apoia as ideias de Luhmann sobre diferenciação estrutural.

**1987** O sociólogo alemão Jürgen Habermas abre um debate crítico com Luhmann a respeito da teoria de sistemas.

**2009** As ideias de Luhmann são aplicadas pelo acadêmico grego Andreas Mihalopoulos em sua análise da justiça penal e dos sistemas legais.

A sociedade moderna tem **diversos sistemas sociais** (economia, direito, educação, política etc.).

Tais **sistemas dão sentido ao mundo**, apesar de eles não serem feitos de pessoas, mas de **comunicações**.

**Acoplamentos estruturais** capacitam a **comunicação restrita** entre os diversos sistemas de comunicação.

Cada sistema processa atividades e problemas de forma própria, de modo que **não é capaz de se conectar a outros sistemas** sem auxílio.

O elemento definidor da modernidade, de acordo com o sociólogo alemão Niklas Luhmann, é a diferenciação nas avançadas sociedades capitalistas entre sistemas sociais distintos — econômico, educacional, científico, legal, político, religioso etc. Luhmann argumenta que o termo "sociedade" se refere ao sistema que engloba todos os

outros sistemas: a sociedade é, diz ele, o sistema dos sistemas.

As pessoas, insiste Luhmann, não têm sentido socialmente. O elemento base da sociedade não é o ator humano, mas a "comunicação" — um termo que ele define como a "síntese de informação, transmissão e compreensão" proveniente das atividades e interações, verbais e não

**Veja também:** Max Weber 38-45 • Jürgen Habermas 286-287 • Talcott Parsons 300-301 • Herbert Spencer 334 • Alfred Schütz 335

verbais, dentro de um sistema.

Luhmann argumenta que, assim como uma planta reproduz suas próprias células num processo circular, biológico, de autoprodução, um sistema social também é autossustentável e se desenvolve a partir de uma operação que possui conectividade — que surge quando “a comunicação se desenvolve a partir da comunicação”. Ele compara a comunicação ao equivalente estrutural de um produto químico.

### Acoplamentos estruturais

Luhmann usa as ideias de George Spencer-Brown sobre as leis matemáticas da forma para ajudar a definir um sistema, argumentando que algo surge da diferença: um sistema é, de acordo com sua teoria, uma “distinção” de seu ambiente. E, diz Luhmann, o ambiente de um sistema é constituído de outros sistemas. Por exemplo, o ambiente de um sistema familiar inclui outras famílias, o sistema político, o sistema médico etc. De modo decisivo, cada sistema individual só consegue entender os eventos — as atividades e formas de comunicação — peculiares

a si mesmo. Ele é razoavelmente indiferente ao que acontece em outros sistemas (e na sociedade como um todo). Assim, por exemplo, o sistema econômico está funcionalmente dedicado aos seus próprios interesses, e não está interessado em questões morais, exceto quando elas possam ter um impacto sobre as atividades e transações econômicas — as questões morais, no entanto, têm grande consequência, por exemplo, no sistema religioso.

Luhmann vê essa falta de integração de sistemas como um dos maiores problemas enfrentados pelas sociedades capitalistas avançadas. Ele identifica o que chama de “acoplamentos estruturais” — certas formas e instituições que ajudam a conectar sistemas separados ao traduzir as comunicações produzidas por um sistema em termos que o outro possa entender. Os exemplos incluem a Constituição, que lida com sistemas legais e políticos, e uma universidade, que acopia o sistema educacional com, entre eles, o econômico. O “acoplamento estrutural” é um conceito que ajuda a dar conta do



**Artistas protestam** contra o patrocínio da # à galeria de arte britânica Tate, de Londres, refletindo a crença de que o sistema corporativo não seria compatível com o do mundo da arte.

relacionamento entre as pessoas (como sistemas conscientes) e os sistemas sociais (como comunicações).

Apesar de sua extrema complexidade, a teoria de Luhmann é usada em todo o mundo como uma ferramenta analítica para sistemas sociais. Seus críticos dizem que a teoria passa pelo escrutínio acadêmico, mas falha operacionalmente em mostrar como a comunicação pode se dar sem a atividade humana. ■



Humanos não conseguem se comunicar; nem sequer seu cérebro consegue se comunicar; nem mesmo sua mente consciente consegue se comunicar.

**Niklas Luhmann**



### Niklas Luhmann

Niklas Luhmann estudou direito na Universidade de Freiburg, Alemanha, de 1946 a 1949, antes de se tornar funcionário público em 1956. Passou seu ano sabático de 1960 a 1961 na Universidade Harvard, EUA, estudando sociologia e ciência administrativa, onde aprendeu com Talcott Parsons.

Em 1966, Luhmann terminou seu doutorado em sociologia na Universidade de Münster e em 1968 tornou-se

professor de sociologia na Universidade de Bielefeld, onde permaneceu. Luhmann recebeu várias honrarias e em 1988 ganhou o famoso prêmio Hegel, dado a pensadores importantes pela cidade de Stuttgart. Foi um escritor prolífico, tendo publicado algo próximo de 377 textos.

### Principais obras

1972 *Sociologia do direito*  
1984 *Soziale Systeme*  
1997 *Theory of Society* (dois volumes)



# **A SOCIEDADE DEVERIA ARTICULAR O QUE É BOM**

**AMITAI ETZIONI (1929- )**



**EM CONTEXTO**

## FOCO

**Comunitarismo**

## DATAS IMPORTANTES

**1887** O livro *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e sociedade), de Ferdinand Tönnies, exalta o valor da comunidade.

**1947** Em *Caminhos da utopia*, o pensador alemão Martin Buber antecipa o movimento moderno do comunitarismo.

**1993** É fundada a Communitarian Network, uma coalizão sem fins lucrativos, apartidária e transnacional.

**1999** O pensador e comunitarista republicano Stephen Goldsmith se junta ao conselho consultivo do presidente George W. Bush para cuidar da política social.

**2005** O sociólogo britânico Colin Gray publica um artigo intitulado "Sandcastles of Theory", argumentando que a obra de Etzioni é utópica demais.

**D**o final da Segunda Guerra Mundial até o começo dos anos 1970, os EUA experimentaram um rápido crescimento que resultou numa florescente prosperidade e ascensão social para a vasta maioria de seus cidadãos. O cenário social e político do país também mudou com o Movimento de Direitos Civis, a oposição organizada à Guerra do Vietnã, a revolução sexual e o feminismo assumindo proeminência.

Em 1973, no entanto, a crise do petróleo e o crash do mercado de ações fizeram com que os EUA entrassem em rápido declínio, e — de acordo com o sociólogo Amitai Etzioni — a base dos valores tradicionais nos quais a cultura americana foi fundada começou a ruir.

A resposta a essa crise cultural e moral e ao simultâneo crescimento da ideologia do individualismo e da política econômica liberal — onde se deixa que o livre mercado opere com o mínimo de intervenção governamental — foi o surgimento da filosofia social do comunitarismo. Nas palavras de Etzioni, seu alvo era "restaurar as virtudes cívicas, para que as pessoas assumissem suas responsabilidades, não focando apenas os seus direitos, para sustentar os fundamentos morais

“  
Uma sociedade responsiva é aquela em que os padrões morais refletem as necessidades básicas de todos os seus membros.  
Amitai Etzioni

da sociedade”. O princípio orientador dessa forma de comunitarismo era que a sociedade deveria articular o que é bom através do consenso compartilhado de seus membros e dos princípios corporificados em suas comunidades e instituições.

Além disso, para Etzioni, não bastava os sociólogos *pensarem* e contemplarem a vida social. Em vez disso, eles deveriam estar ativamente envolvidos em tentar *mudar* a sociedade para melhor. No começo dos anos 1990, um crescente número de pensadores sociais americanos — incluindo os sociólogos Robert D. Putnam, Richard Sennett e Daniel

**Amitai Etzioni**

Amitai Etzioni nasceu na Alemanha em 1929 e aos sete anos mudou para a Palestina com sua família. Em 1946, parou de estudar e se juntou ao Palmach para lutar pela criação de Israel. Cinco anos depois, estudou numa instituição onde o filósofo existencial Martin Buber estava trabalhando. O foco de Buber na relação do “Eu e Tu” ressoou por toda a abordagem de Etzioni sobre a vida comunitarista.

Em 1951, Etzioni entrou na Universidade Hebraica em Jerusalém, onde fez graduação e

mestrado. Em 1958, terminou seu doutorado em sociologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Seu primeiro posto foi na Universidade Columbia, em Nova York, onde atuou por vinte anos. Em 1980, tornou-se professor na Universidade George Washington, onde trabalha como diretor do Institute for Communitarian Policy Studies.

**Principal obra**

**1993** *The Spirit of Community: The Reinvention of American Society*



Veja também: Karl Marx 28-31 • Ferdinand Tönnies 32-33 • Émile Durkheim 34-37 • Richard Sennett 84-87 • Jane Jacobs 108-109 • Robert D. Putnam 124-125 • Anthony Giddens 148-149 • Daniel Bell 224-225 • Robert N. Bellah 337



Bell — tentou, conscientemente, estender os ideais comunitaristas dos campi universitários para a sociedade como um todo.

### Responsabilidades e direitos

As raízes das ideias de Etzioni estão na obra de teóricos que o precederam, como o sociólogo Ferdinand Tönnies, que distinguia entre dois tipos de laços sociais: o *Gemeinschaft* (comunidade) e o *Gesellschaft* (sociedade). O primeiro se referia às relações pessoais e interações face a face que originaram a sociedade comunal. O segundo, aos laços

A vida nas sociedades pré-industriais estava focada na vida comunal (como nesta imagem de uma vila), mas Etzioni diz que isso se dava, na maioria das vezes, à custa do indivíduo.

criados pelo autointeresse racional, por burocracias e crenças formais.

Tönnies declarava que os princípios que definiam o *Gesellschaft* na sociedade moderna representavam um passo atrás no desenvolvimento das relações humanas quando comparados

aos elevados níveis de solidariedade encontrados nas formas de vidas comunitárias tradicionais — *Gemeinschaft*. Apesar de Etzioni ter desenvolvido o pensamento comunitarista de Tönnies, ele acreditava que Tönnies enfatizava »



demais o comunal à custa do individual. O contemporâneo de Tönnies, Émile Durkheim, por outro lado, temia que a modernidade pudesse ameaçar a solidariedade social. Para ele, os indivíduos deveriam ser seres sociais cujas ambições e necessidades deveriam coincidir com as do grupo.

Etzioni diz que as comunidades *Gemeinschaft* também tinham algumas desvantagens: podiam ser, com frequência, opressivas, autoritárias, impedindo o crescimento e o desenvolvimento individual. Sua forma atualizada de comunitarismo é desenhada para atingir o grau ótimo de equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade, entre a comunidade e a autonomia e entre os direitos e as responsabilidades.

Etzioni argumenta que alcançar o equilíbrio entre os direitos individuais e as responsabilidades comunitárias é essencial, porque um não pode existir sem o outro. Além disso, ele alega que os americanos de hoje perderam de vista as formas nas quais o destino dos indivíduos e o da comunidade estão ligados. Os americanos têm um forte senso de direito (*entitlement*) — expectativas que a comunidade lhes

“

A anarquia moral, não o excesso de comunidades, é o perigo que enfrentamos hoje.

**Amitai Etzioni**

”

ofereça serviços e respeito, junto com a garantia dos direitos individuais —, mas um senso mais fraco de obrigação moral para com a comunidade, tanto local quanto nacional. Por exemplo, a maioria dos americanos alega que, se for acusada por um crime, tem o direito inalienável de ser julgada por pessoas como eles, porém só uma pequena minoria está disposta a fazer parte de um júri num julgamento.

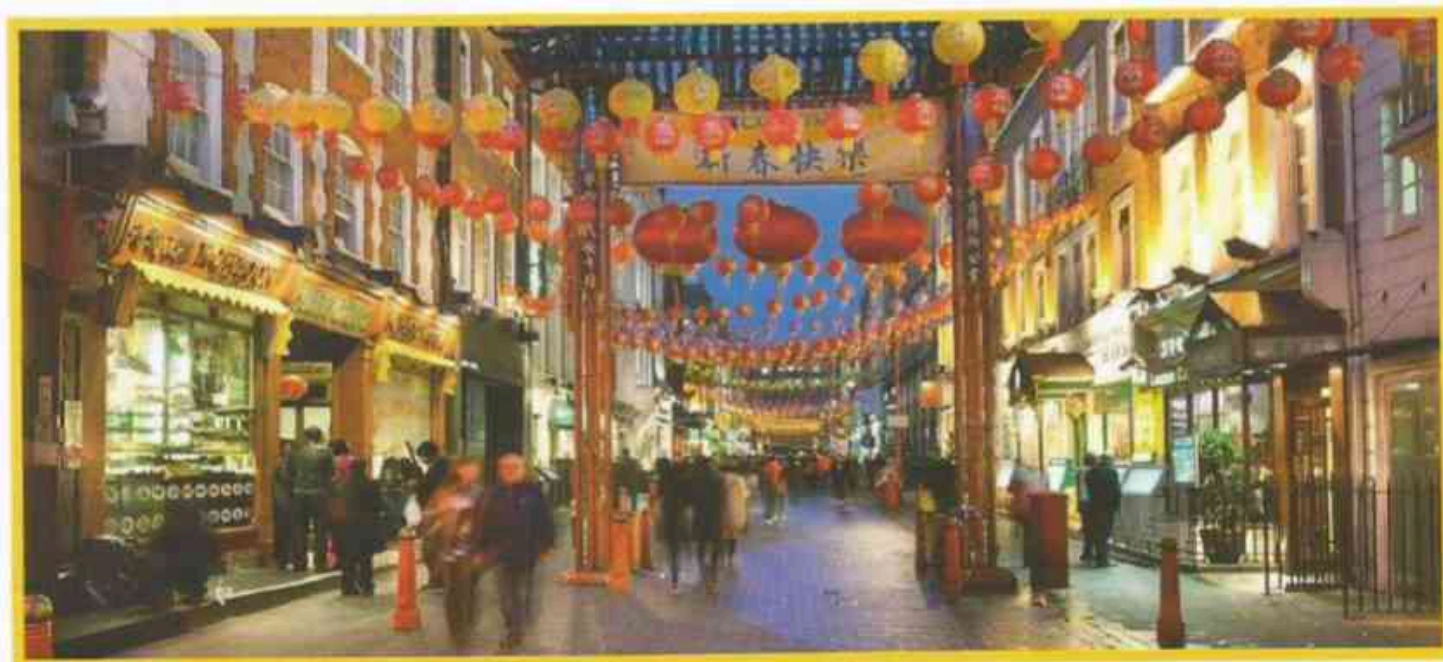
De acordo com Etzioni, esse importante declínio no “capital social” — as relações fundadas nos valores compartilhados de reciprocidade,

confiança e senso de obrigação — por toda a sociedade americana é resultado de um excesso de individualismo, fazendo que seja necessário, mais do que nunca, que os EUA adotem os princípios morais do comunitarismo.

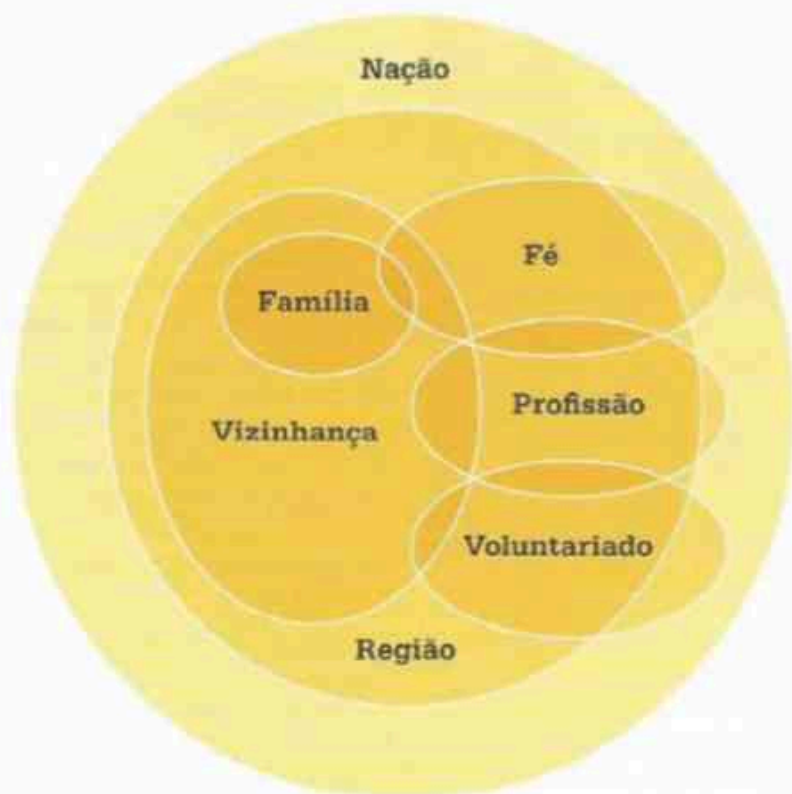
### O que é uma comunidade?

Para Etzioni, comunidades são uma rede de relações sociais “que englobam sentidos compartilhados e, acima de tudo, valores compartilhados”. As visões de uma comunidade não podem ser impostas por um grupo de fora ou por uma minoria interna, mas têm que ser “geradas pelos membros da comunidade num diálogo que seja aberto e muito atento a todos os membros”. A comunidade de Etzioni é inerentemente democrática, e cada comunidade pertence a “uma que seja mais abrangente”. Essa definição de comunidade é aplicável a uma variedade de tipos de organização social, desde microformações, como

**As Chinatowns** exemplificam a vida comunitária de Etzioni. Recriar essa cultura em solo estrangeiro só é possível quando seus habitantes compartilham normas e valores.



**As comunidades**, em vez dos indivíduos, são, segundo Etzioni, os tijolos elementares da sociedade, e a sociedade é feita de múltiplas comunidades que se sobrepõem. As pessoas são, assim, membros característicos de comunidades que se intersectam.



famílias e escolas, até as macroformações, como os grupos étnicos, religiões ou estados-nações.

As comunidades não precisam estar geograficamente concentradas: por exemplo, a comunidade judaica de Nova York está dispersa pela cidade, apesar de manter um forte sentimento de solidariedade moral através de instituições importantes, como as sinagogas e escolas religiosas. Etzioni até considera as comunidades baseadas na internet como formas legítimas de comunidade, desde que os membros estejam comprometidos e compartilhem os mesmos valores. Por outro lado, algumas comunidades clássicas, como as vilas, não satisfazem o critério de Etzioni se o conjunto das pessoas que compõem a vila não estiver ligado por um compromisso óbvio de normas e valores compartilhados.

As comunidades nem sempre são virtuosas: algumas talvez sejam duras ou restritivas, ou talvez tenham sido fundadas em valores compartilhados que estão longe de ser éticos. Etzioni cita o exemplo de uma vila africana na África do Sul cujos membros apoiavam e cometiam linchamentos.

### A sociedade comunitarista

Em vez de simplesmente operar no nível intelectual, Etzioni propõe quatro aspectos de como uma sociedade comunitarista deveria ser implementada e organizada. Ele o faz identificando os aspectos centrais da sociedade comunitarista e as funções que cada um desempenha em relação à sociedade como um todo. O primeiro aspecto é aquilo que Etzioni chama de "voz moral" — nome dado ao conjunto

compartilhado de normas e valores criados coletivamente sobre os quais está baseada a conduta interpessoal e moral que une os membros da comunidade. Nenhuma sociedade consegue sobreviver sem uma ordem moral sólida, especialmente no caso em que se queira manter uma mínima intervenção do Estado em questões públicas. Ao identificar e estabelecer uma voz moral, não é mais necessário confiar nem na consciência individual nem em instituições que mantenham a lei para regular a conduta dos membros da comunidade. Quando a comunidade valoriza certos comportamentos — como evitar o excesso de álcool ou respeitar os limites de velocidade —, previnem-se comportamentos antissociais, que são restringidos de maneira eficiente.

O segundo aspecto é a "família comunitarista". Trazer um filho ao mundo não apenas cria obrigações dos pais com a criança, como também traz obrigações da família com a comunidade. Quando as crianças são criadas de modo indevido, as consequências costumam ser enfrentadas não apenas pela família, mas também »



**Uma família com dois pais**, alega Etzioni, está mais bem equipada para a tarefa de criar os filhos que as de um só pai, pois elas são "intensivas em trabalho, exigentes em tarefas".



Os jovens que terminam a escola deveriam entrar no serviço militar (como visto neste quartel na Alemanha em 2011), argumenta Etzioni, porque ele instila a autodisciplina, edifica o caráter e o espírito comunitário.

e a habilidade de controlar impulsos e postergar a gratificação imediata. Em especial, os valores de disciplina, autodisciplina e internalização — a integração dos valores de outros dentro do próprio senso de si mesmo — desempenham um importante papel no desenvolvimento psicológico da criança e do seu bem-estar.

Como parte da sua ênfase na autodisciplina, Etzioni argumenta que todos os que terminassem a escola deveriam passar por um ano obrigatório de serviço militar. Fazer isso, diz ele, garantiria “um forte antídoto à mentalidade centrada no ego à medida que os jovens servissem a necessidades compartilhadas”.

Finalmente, em quarto lugar, Etzioni oferece medidas que objetivem contrapor a perda da comunidade tradicional ao mesmo tempo que servem como base para a formação de novas comunidades. Elas visam mudar o que o sociólogo americano Robert N. Bellah chama de “hábitos do coração”. As medidas de Etzioni incluem estimular um “ambiente de comunidade” no qual o pensamento

por toda a comunidade. É por essa razão, de acordo com Etzioni, que a procriação e a criação das crianças devem ser consideradas um ato comunitarista. Etzioni argumenta que os pais têm uma responsabilidade moral com a comunidade para criar seus filhos da melhor forma possível, e as comunidades têm uma obrigação de ajudá-los nesse esforço. As comunidades devem apoiar e encorajar, em vez de estigmatizar os pais que tiram um tempo do trabalho para gastar com seus filhos.

“

A educação, em especial a formação de caráter, é a tarefa essencial da família.

**Amitai Etzioni**

”

Etzioni acha que o acúmulo de evidências tende a apoiar o importante papel social da família, e observa: “Não é acidental que em várias sociedades humanas (dos zulus aos inuítes, da Grécia ou China antiga até a modernidade) nunca houve uma sociedade que não tivesse uma família com dois pais”. Ele argumenta que essa estrutura, ou uma que duplique tal arranjo de apoio paterno, é crucial para “reduzir o déficit de paternidade” trazido pelo desenvolvimento de novos padrões de carreira, pelo divórcio, pelo aumento de famílias com um só pai ou mãe e pelo crescente individualismo. Ligado a isso, ele diz que a sociedade precisa limitar a matrícula de crianças em creches.

O terceiro princípio de Etzioni estabelece as funções da “escola comunitarista”. As escolas deveriam fazer muito mais que transmitir habilidades e conhecimento aos alunos. Elas deveriam desenvolver a tarefa de formação de caráter iniciada pelos pais, de modo a estabelecer os fundamentos para um estável sentimento de indivíduo, de propósito,

“

O desequilíbrio entre os direitos e as responsabilidades já acontece há muito tempo.

**Amitai Etzioni**

”

sobre as ações individuais em termos das suas consequências para a comunidade como um todo se torna uma segunda natureza: resolver os conflitos entre as aspirações profissionais individuais com as metas e os compromissos da comunidade; reorganizar o ambiente físico onde se vive, de modo a "garantir que seja mais propício à comunidade"; e buscar reinvestir mais de nossos recursos pessoais e profissionais na comunidade.

### Críticas

O comunitarismo de Etzioni é uma resposta a uma série de preocupações reais a respeito da deterioração da moralidade e dos valores compartilhados, tanto privados quanto públicos, do declínio da família, do

**Voluntários** desempenham um importante papel em milhares de organizações por toda a América do Norte e Europa Ocidental, participando de projetos de plantio de árvores em várias comunidades.

aumento na criminalidade e da apatia cívica e política em toda a sociedade americana. Sua visão de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária é elogiada por vários intelectuais com diversas posições ideológicas. Mas a obra de Etzioni também atrai críticas. Por exemplo, algumas apoiadoras do feminismo se opõem fortemente ao comunitarismo como tentativa de desfazer a liberação econômica das mulheres. Elas argumentam que uma mãe que trabalha em tempo integral gasta hoje mais tempo de qualidade com seus filhos que uma dona de casa da classe média trinta anos atrás. Beatrix Campbell acusou os comunitaristas de promoverem uma "cruzada nostálgica", alegando que aquele tipo de mãe que eles evocam nunca existiu.

O sociólogo e cientista político Richard Sennett afirma que a obra de Etzioni falha em lidar com a natureza do poder político e econômico, fazendo-o apenas em termos vagos, e

“

Hoje há um crescente interesse entre os jovens... por encontrar uma carreira... que combine 'ganhar dinheiro' com algo que tenha sentido.

**Amitai Etzioni**

”

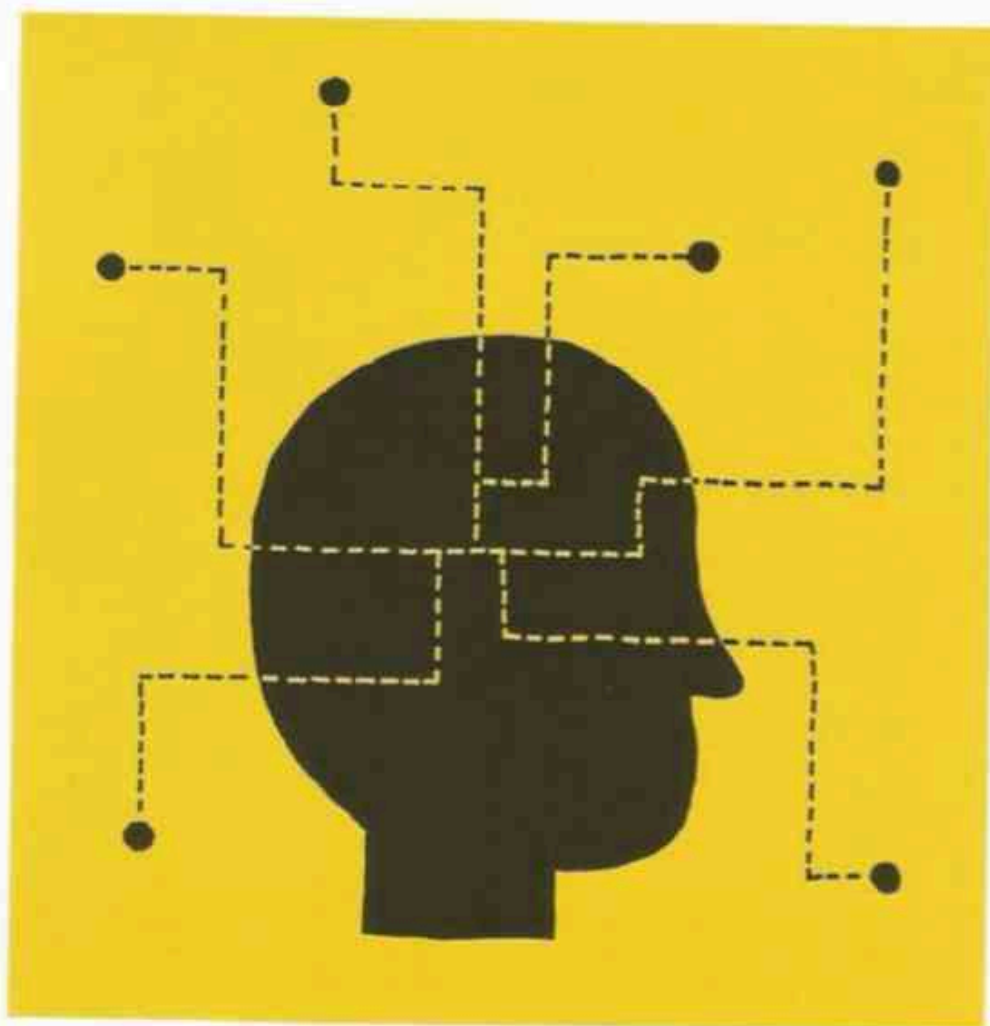
não presta contas adequadamente sobre o que possa motivar os indivíduos a se comprometer com princípios e valores comunitaristas. Se, como clama Etzioni, a cultura americana é por demais obcecada pelo ego e abertamente individualista, ele falha em dar uma resposta a por que alguém escolheria assumir uma responsabilidade com a comunidade que lhe cobraria algo em troca e se chocaria com seus direitos individuais.

Apesar das críticas, as ideias no cerne do comunitarismo de Etzioni influenciaram governos. Em seu livro *A terceira via*, o sociólogo britânico Anthony Giddens vê a obra de Etzioni como central ao arcabouço da filosofia política conhecida como a terceira via, desenvolvida pelo ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair. A obra de Etzioni atraiu a atenção do governo neotrabalista do Reino Unido de duas formas: primeiro, porque oferece um meio-termo entre a esquerda política, com sua ênfase no papel desempenhado pelo Estado, e a direita política, com seu apoio exagerado ao livre mercado e sua ênfase no indivíduo. Em segundo lugar, ela introduziu a noção de cidadania como algo que precisa ser conquistado através da realização de expectativas e obrigações compartilhadas. ■



# A LIBERAÇÃO DA CAPACIDADE PRODUTIVA PELO PODER DA MENTE

MANUEL CASTELLS (1942- )



## EM CONTEXTO

### FOCO

#### Sociedade em rede

#### DATAS IMPORTANTES

**1848** Karl Marx e Friedrich Engels, em *O manifesto comunista*, preveem a globalização do capitalismo.

**1968** Manuel Castells estuda com o sociólogo francês Alain Touraine os movimentos sociais e a resistência ao capitalismo.

**A partir de 1990** Aumenta o uso corporativo da tecnologia baseada na internet, espalhando-se para o público em geral e a vida doméstica.

**1992** O sociólogo americano Harrison White escreve "Markets, Networks, and Control", uma discussão sobre a teoria da rede.

**1999** O sociólogo holandês Jan Van Dijk escreve *The Network Society*, focando mídias sociais como o Facebook.

**O**s últimos cinquenta anos presenciaram gigantescos passos na ciência e no desenvolvimento de tecnologias digitais baseadas na internet. De acordo com o sociólogo espanhol Manuel Castells (cuja obra investiga os estudos sobre comunicação e informação e é fortemente influenciada por Karl Marx), tais avanços foram moldados por — e desenvolvem um papel crucial na contribuição sobre — desenvolvimentos econômicos, sociais e políticos em esfera global. Isso levou Castells a focar a globalização e seus efeitos econômicos e sociais.

Para Marx, o capitalismo industrial era baseado na produção de bens de

**Veja também:** Karl Marx 28-31 • Niklas Luhmann 110-111 • Zygmunt Bauman 136-143 • Anthony Giddens 148-149 • Ulrich Beck 150-161 • Daniel Bell 224-225 • Harry Braverman 226-231

A "sociedade em rede" é uma **comunidade global interconectada** de interesses...

... onde o acesso à rede, ou o "**espaço do fluxo**", não é mais reservado a um grupo social dominante.

Isso significa que quase **qualquer um, em qualquer lugar**, pode usar a tecnologia baseada nas telecomunicações para qualquer **propósito criativo**.

consumo e mercadorias. Durante os anos 1970, o sociólogo americano Daniel Bell invocou o termo "pós-industrialismo" para designar a mudança em direção a uma economia baseada em serviços. Castells argumenta que a crescente proeminência das tecnologias baseadas na internet implica que o capitalismo, agora, se centra na informação e no conhecimento. As sociedades humanas, defende ele, deixaram para trás a Era Industrial e entraram na Era da Informação, cuja expressão socioestrutural é a "sociedade em rede".

### Um mundo em rede

A Era da Informação é definida pela criação e disseminação de vários conhecimentos especializados, como as flutuações dos preços internacionais do petróleo, dos mercados financeiros etc. Nas sociedades capitalistas avançadas, redes de capital financeiro e de informação estão no cerne da produtividade e da competitividade.

A mudança da produção de bens e serviços para a informação e o conhecimento tem alterado profundamente a natureza da sociedade e das relações sociais.

A **BM&Fbovespa**, em São Paulo, é a maior bolsa de valores da América Latina. O pregão exclusivamente eletrônico serve de exemplo da economia global na Era da Informação.

Castells alega que o modo dominante de organizar relações interpessoais, instituições e sociedades inteiras são as redes. Além disso, a natureza maleável e aberta dessas redes faz com que se espalhem por todo o globo.

Quando sociólogos clássicos como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber usam o termo "sociedade", eles se referem primordialmente àquela de um determinado estado-nação. Assim, por exemplo, é possível falarmos da sociedade americana como algo distinto da, digamos, britânica, apesar dos pontos em que são similares. Mas, na obra de Castells, o estado-nação tornou-se o mundo e tudo nele. Já não existe o mundo de estados-nações relativamente autônomos, com suas próprias sociedades estruturadas para dentro — ele foi reimaginado como uma infinidade de redes que se intersectam e se sobrepõem.

A ideia de um mundo plenamente conectado, ligado pela internet, evoca imagens de pessoas em todos os cantos do planeta se envolvendo produtivamente em diferentes tipos de relações umas com as outras em redes em constante mudança — não mais restritas pela geografia ou pela naturalidade, mas pela capacidade da imaginação humana. Hoje é possível acessar informação 24 horas por dia através de ferramentas de busca como o Google, e entrar em chats com pessoas que estão a milhares de quilômetros de distância numa comunicação instantânea.

Castells elabora o conceito de redes de diversos modos. As redes baseadas em microeletrônicos definem a sociedade em rede e substituem a burocracia como a principal forma de organização das »



se refere expressamente a si própria como uma rede em seu site), têm usado a internet de maneira criativa para conectar pessoas através de uma rede florescente que ocupa o espaço dos fluxos. Castells usa o exemplo dos zapatistas no México para reconhecer que o poder social pode ser acumulado através do espaço de fluxos por grupos marginalizados, de modo a desafiar o Estado e as instituições de elite. Os zapatistas têm tido sucesso em atrair a atenção da mídia no ciberespaço e usam a internet para fazer protestos virtuais, com softwares entupindo servidores e sites governamentais, bem como para planejar e coordenar eventos reais.

### Distopia ou utopia?

Os conceitos gêmeos de Castells, a Era da Informação e a sociedade em rede, oferecem um poderoso conjunto de ferramentas analíticas para entender os efeitos transformadores que a tecnologia da informação tem sobre a vida humana e as relações sociais.

O conceito de alienação de Marx ressoa em toda a obra de Castells, o que representa uma tentativa de dar sentido às mudanças e aos processos extremamente rápidos que se manifestam no mundo ao nosso redor, tendo em vista a recuperação do controle sobre eles. Mas a ideia de que os humanos criaram uma sociedade global da qual perderam o controle, e da qual estão alienados, pode ser parcialmente creditada a outros teóricos da globalização, como Anthony Giddens, Ulrich Beck e Zygmunt Bauman.

A obra de Castells tem muitos críticos. Sociólogos como Bauman dizem que ela é utópica, considerando a "realidade" dos problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais enfrentados pela humanidade hoje. Outros negam que a ordem social e econômica atual seja historicamente sem precedentes. O sociólogo britânico

Nicholas Garnham argumenta que a sociedade em rede é mais precisamente um desenvolvimento do industrialismo em vez de um estágio novo na sociedade humana. O sociólogo britânico Frank Webster acusa Castells de determinismo tecnológico — a visão de que as relações sociais são intimamente moldadas pelo desenvolvimento tecnológico mas não são determinadas por ele. Os dois, nesse caso, influenciariam um ao outro.

Independentemente de a sociedade em rede ser uma novidade ou ser benéfica, não há dúvida de que o mundo está cada vez mais interconectado e dependente das tecnologias digitais, que estão mudando as relações sociais. Para Castells, a ascensão da sociedade global atada por uma miríade de redes é, em última instância, algo positivo. Capacitar pessoas de lugares longínquos a interagir oferece o potencial para a humanidade usar seus recursos produtivos coletivos para criar uma nova ordem mundial iluminada. Ele argumenta que, se "estivermos informados, ativos e nos comunicarmos pelo mundo afora", "podemos nos afastar da exploração do eu interior, fazendo as pazes com nós mesmos". ■

“

Enquanto as organizações se localizam em lugares... a lógica organizacional não tem lugar.

**Manuel Castells**

”



### Manuel Castells

Manuel Castells Oliván nasceu em 1942, na Espanha. Depois de sua atividade no movimento estudantil anti-Franco, deixou o país e foi para a França para fazer seu doutorado em sociologia na Universidade de Paris durante os anos de turbulência política do final da década de 1960.

Nos anos 1980, Castells se mudou para a Califórnia, EUA — lar do Vale do Silício. Mais ou menos uma década depois, escreveu seu influente estudo em três volumes sobre a sociedade em rede intitulado *A era da informação: economia, sociedade e cultura*.

Castells é um influente pensador científico-social. É sociólogo na Universidade do Sul da Califórnia (USC), Los Angeles, onde contribuiu para o estabelecimento do USC Center on Public Diplomacy, sendo também membro do Annenberg Research Network on International Communication (ARNIC).

#### Principais obras

1996 *A era da informação: Volume I: A sociedade em rede*

1997 *A era da informação: Volume II: O poder da identidade*

1998 *A era da informação: Volume III: Fim de milênio*